

Maternagem comemora seu dia

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

A convite da Tribuna de Petrópolis, venho tecer algumas considerações sobre essa data tão concorrida em nossa cultura que é o *Dia das mães*. Data algo controvertida como cheguei a comentar em um artigo publicado ano passado, pois se por um lado é atribuída a uma jogada comercial que visa apenas um maior faturamento do mercado, por outra não deixa de ser super valorizada, sendo, inclusive, interpretada por algumas mães como um símbolo muito modesto de uma realidade que deve ser muito maior: “*dia das mães são todos os dias*” afirmam algumas. Asserção que parece um exagero, e, que na verdade é. Daí sua veracidade. Pois se pensarmos a mãe como *princípio vital* de gerar e criar, de criar e cuidar, estará ela, indiscutivelmente, presente em todas os dias da vida de um ser, mesmo que não exista encarnada de fato. Explico: se o sujeito é órfão de mãe; alguém, alguma coisa ou mesmo alguma situação irão atuar para realizar o trabalho essencial de MATERNAGEM (que seria, strictu sensu, o conjunto de cuidados exercidos pela função materna) sem o qual a vida não se faz. Ou seja, a psicanálise juntamente com outras áreas das ciências humanas, vieram constatar que mãe é quem cuida, independentemente da biologia, de aspectos de gênero e até, no caso de algumas ficções, suplantando a barreira da espécie, como nos conta a lendária fábula de Tarzan. O ficcionista revela a verdade mesmo através do conto, qual seja, que mãe é, sobretudo, cultural.

Essa constatação que coloca no caso dos humanos os laços culturais como mais significativos que os consanguíneos, vem nos revelar que ser mãe não é uma graça natural, sendo antes uma qualidade a se conquistar. Mãe é quem cria, quem cuida, tarefas que continuam sabidamente na vida pós-uterina.

O pediatra inglês D. W. Winnicott que se tornou um afamado psicanalista, criou grandes conceitos que apontam para a noção da relação materna como os: da *mãe comum devotada* (*ordinary devoted mother*) e o da *mãe suficientemente boa* (*good enough mother*), entre outros. Pela importância que atribui à mãe e à relação de maternagem, Winnicott acompanha o percurso de Freud onde o interesse pelo pai, pelas questões do patriarcado e pelo conteso edípico, na psicanálise, vão dando lugar a uma redefinição do materno e do feminino. A *mãe suficientemente boa* é a mãe pensada ideal: aquela que atende as diversas formas do cuidado, do diálogo e do brincar criativo, mas sobretudo, que se mostra capaz de inspirar à criança as frustrações necessárias a fim de possibilitar nessa criança o desenvolvimento de

seu desejo e da capacidade de se tornar indivíduo. Processo conhecido na psicanálise por *individuação*, que habilita o surgir sadio de um *ser desejante* independente. Ser que pode tornar-se *responsável*, ou seja, capaz de *responder* pelo que faz e pelo que é.

Winnicott chegou mesmo a divisar a psicose (loucura para os leigos) como resultado do fracasso da relação materna. Segundo ele, o bom desempenho do laço com a mãe é que irá permitir à criança organizar seu eu de modo estável e sadio. Sua crença numa certa normalidade se ancora nos valores humanos da criação.

Então a mãe tem que ser SUFICIENTEMENTE boa, nem mais nem menos. Mães tipo “super-mães” acabam por ser tão deletérias como aquelas que rejeitam seus filhos. Ao atender “sem falhas” acabam por criar “sub-filhos”, que incapazes de tolerar as inevitáveis frustrações impostas pela vida, acabam se tornando, na melhor das hipóteses, irresponsáveis. Afinal, como podem pais que não conseguem ensinar seus filhos a responderem, a exercitarem a resposta ou que, de modo mais grave, não permitem que respondam, querer que, dá noite para o dia, sobretudo na época da adolescência, se tornem responsáveis, ou seja, capazes de responder. É uma tremenda incoerência. Torna-se tarefa impossível de ser cumprida pelo jovem sem o auxílio de um tratamento.

O afamado aforismo winnicotiano “*o bebê não existe*”, remete ao fato de que o lactente nunca é por si só, mas essencialmente parte que integra uma relação. Mães incapazes, ausentes ou, pelo contrário, intrusivas, arriscam colocar seus filhos submetidos à depressões, psicoses ou à diversos transtornos de conduta e de comportamento: como a prática da mentira, do furto, do uso abusivo de drogas, atitudes violentas, etc..

Portanto, como já fiz referência em artigo anterior: *para uma mãe ter como seus todos os dias do ano e da vida, deve aprender uma lição, não requisitá-los. É graça, não barganha. A mãe que tudo requisita se anula; principalmente quando recebe o que requisitou. Se anula na pujança de sua gula filicida. Seus filhos expropriados de tanto se doarem deixam de existir. Ora, se deixam de existir como filhos à anulam como mãe. Espécie de vingança calada de quem teve a vida roubada.*

Portanto para uma mãe encontrar a graça e ser para os filhos todos os dias de suas vidas deve encontrar-se na sabedoria de não querer tê-los, de não querer sê-los. Diz o velho dito popular: “*a melhor maneira de se prender é soltando!*”.

Ou seja, não é possível a experiência do amor, principalmente o maternal, fora da dimensão da liberdade.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).